

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 684

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ANC NDD

OS DOIS IRMÃOS

Por MANUEL FERREIRA



Mateus, naquela tarde, ao chegar da festa da senhora dos milagres, chamou os filhos, João e António, e disse-lhes:

— «Vou dar, para se entreterem, um bocado de terreno a cada. Ao

António dou a fazenda dos Murtais e ao João a terreola da Ventosa. Adubos e semente dou eu, também. De hoje a um ano, quero ver os resultados.»

No dia seguinte, ainda nem o sol espregueitava atrás da serra, já o João, com a euxada às costas, assobiando, dirigia-se à Ventosa. Cavou, cavou, até ao sol posto, descansando apenas o necessário para almoçar o seu pequeno farnel.

Quando chegou o tempo próprio, se-

meu trigo. Todos os dias, com amoroso enlévo, o rapazito ia ver a seara. Aí por Malo, começou a aloirar. Falou ao pai, que pôs à sua disposição os homens necessários para a ceifa.

Em Setembro já o trigo, em medas robustas, atulhava o celeiro. Então, c Mateus resolveu que a venda do trigo revertesse a favor do João.

Imediatamente, o rapaz foi comprar tudo que era necessário para nova sementeira.

Quanto ao António, no dia seguinte àquele em que o pai lhe deu a fazenda dos Murtais, levantou-se tarde. Já o irmão cavava havia bastantes horas, quando, bocejando, se levantou. E, em



vez de ir para a fazenda, foi para o adro da igreja jogar o pião com os outros rapazes.

Só daí a um mês se lembrou da terreola. Mas já era tarde para a sementeira e, assim, o trigo nunca mais amareleceu.

Só quando o João, satisfeito, entregava o resultado da colheita, o António viu a grandeza do seu desleixo.

Então, o Mateus resolveu dar os Murtais ao João. Mas o António tanto implorou, prometendo emendar-se, que o pai conservou-lhe a fazenda, a qual, no ano seguinte estava tão próspera como a do João.

Anos depois, os dois irmãos, com as economias feitas, adquiriram largas fazendas, tornando-se os maiores proprietários da aldeia.



F I M

JEREMIAS

Por M. F.



O professor chamou o Jeremias :
 — «Conferiste esta soma?»
 — «Sim, senhor professor.»
 — «Então, que conferência fez você?»
 Resposta do Jeremias :
 — «Lá conferir, conferi; mas nunca me passou pela cabeça que a soma estivesse mal.»

Num exercício de aritmética, o professor ensina ao Jeremias os números quebrados :
 — «Parta um bocadinho de carne em duas partes. Como se chama cada uma delas?»
 — «Um meio.»
 — «E em quatro?»
 — «Um quarto.»
 — «E se for em oito partes?»
 — «Um oitavo.»
 — «Bem. E em dezasseis?»
 — «Nesse caso — explicou Jeremias — já se chama carne picada...»

JEREMIAS, o nosso inolvidável Jeremias, seguiu o curso comercial. Uma vez que uma vizinha o elogiava, o rapaz retorquiu, ufano :
 — «É que tenho os miolos enjaulados no cérebro.»
 A mãe, que estava a atender, na sala, uma visita, mandou o filho ver as horas.
 Daí a pouco, Jeremias apareceu :
 — «O relógio está parado.»
 — «Pode lá ser! Ainda há pouco lhe dei corda.»
 — «Pois olhe, mamã, que ele ainda está no mesmo sítio.»

Jeremias tinha um irmão. O padrinho deu-lhe um pécego e recomendou-lhe :
 — «Agora, divide isso com o David.»
 — «Ora essa, padrinho. Como o miolo e dou-lhe o caroço para ele fazer um assobio.»

Na escola havia um colega francês, Jean, e outro, inglês, John. No intervalo, discutiam acerca da pronúncia :
 — «Em França — disse Jean — escreve-se «bureau» e lê-se «biurô».
 — «Isso não é nada, — argumentou John — Na minha pátria, «graywacke» lê-se «greiuéque».
 — «Pois o português ainda é mais difícil. Escreve-se «Sebastião José d



Carvalho e Melo» e umas vezes lê-se «Conde de Oeiras» e outras «Marquês de Pombal.»

Num exercício de escrituração, John fez uma soma. Depois pediu ao Jeremias que a conferisse. O nosso herói assim o fez. O colega levou o exercício ao professor e este abespinhou-se :
 — «Então, John, engataste a soma! Com quem a conferiste?»
 — «Com o Jeremias. Ele disse que estava bem.»



OS NOSSOS CONCURSOS PALAVRAS



José de Oliveira
 classificado nos
 concursos «Relam-
 pago»



Leninha Calado
 de Sousa
 classificada no con-
 curso «A Bela Prin-
 cezinha Adorme-
 cida»

O conto que hoje publica-
 mos, intitulado «A Lenda do
 Deserto», apresentado sob o
 pseudónimo de «Salústio», e
 que é da autoria de Luiz Na-
 varro Vitalobos Vieira, foi
 distinguido com menção hon-
 rosa na última reunião do júri.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

1	V	I	T	R	E	S	A	I			
2	A	S	A	R	A	L	S				
3	S	O	C	U	M	A	R	V	S	E	
4	A	P	A	M	O	S	A	R	O	R	
5	A	L	A					F	I	A	
6	P	A	R					A	O	F	
7	A	R	M					V	E	V	
8	L	A	M					A	L	A	R
9	A	L	I					F	I	X	O
10	A	A	S	U	R	A	T	A	A	A	
11	A	F	A	I	R	S	I	R			
12	P	I	A	V	I	S	A	R	R	E	

(Solução do problema anterior)

C
R
U
Z
A
D
A
S

A LENDA do DESERTO

por LUIZ NAVARRO VILALOBOS VEIRA

FUGINDO apressadamente aos soldados que os perseguiram, houve um momento em que Nossa Senhora e S. José julgaram poder, finalmente, mitigar a fome e a sede que os atormentavam.

Desde a véspera que nada comiam, surgindo-lhes, portanto, aquele oásis no meio do deserto, como um milagre divino. Apressando o passo,—o burrinho que a Virgem montava, na esperança de saborear, á falta de melhor, a folhagem de qualquer daquelas frondosas árvores,—em breve os fugitivos penetraram no pequeno bosque.

Mas ai! Os frutos seriam decerto muito frescos e saborosos, mas as árvores eram tão altas que ninguém os conseguiria alcançar. Subir a uma delas? Mas quem, se S. José era já tão velhinho! No meio do bosque uma palmeira débil e enfezada, erguia-se humilde entre as gigantescas árvores que a cercavam; junto dela se quedaram os caminhantes: S. José, desalentado, com a fronte apoiada nas mãos; o Menino adormecido; Nossa Senhora olhando o azul imaculado do céu e implorando um milagre de Deus, numa préce duplamente santa de Virgem Mãe.

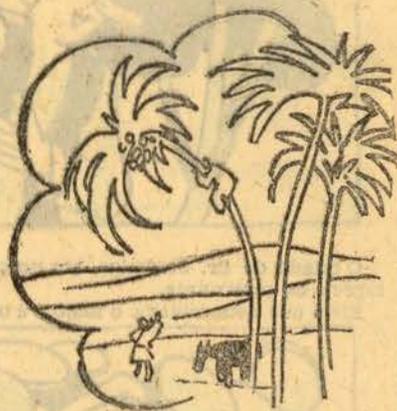
E o milagre deu-se. Pouco a pouco, gemendo de dor, com as fibras dilaceradas por aquele esforço sem par, a pequena palmeira foi inclinando a sua copa para o chão, até S. José poder facilmente arrancar as tâmaras frescas

que esta continha. Estavam salvos os seres humanos, mas ainda faltava o burrinho. Então, num derradeiro arranco, a palmeirita curvou-se tanto, para que esta pudesse alcançar a sua ramagem verdejante que, num estalar de agonia, o delgado e mirrado tronco se quebrou. Assim, a pequena palmeira que dera a sua vida para salvar quatro, ficou por terra, morrendo aos poucos, calcinada pelo sol abrasador.

Nessa tarde, antes de partir, abraçando a chorar o rugoso tronco da milagrosa árvore, Nossa Senhora murmurou:

—«Eu te abenço, árvore querida, entre as demais! Que só tu subsistas no deserto e nele imperes, pois apenas tu te inclinaste perante a nossa desdita, que a tua ramagem, sempre verde, seja aquela que mais se aproxime do céu, e que os homens, saboreando os teus frutos preciosos, te amem, e louvem o Senhor que te criou.»

Os anos rolaram. Todas as árvores do deserto morreram e há muito que os seus corpos mutilados foram devorados, para sempre, pelas areias escaldantes. Hoje a palmeira é bem a Rainha do Deserto, pelo seu porte altivo e pela piedosa missão de valer aos viandantes. Para ela são o primeiro e o último beijo do sol; para ela são as caricias da brisa perfumada, nas noites profundas e misteriosas de luar; é ela,



finalmente, entre todos os habitantes do deserto, aquela que, erguendo-se mais alto, está mais perto do Céu e, portanto, de Deus.

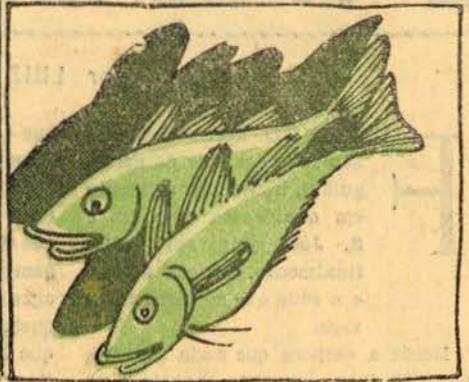


Anedotas

- «Que idade tens tu, Mimizinha?»
- «Tenho 8 anos.»
- «Já estás mais alta que a minha bengala.»
- «Mas quantos anos tem a sua bengala?»
- «A minha boneca diz papá e mamã, abre e fecha os olhos...»
- «E não faz mais nada?»
- «Não; graças a Deus é muito asseadinha.»



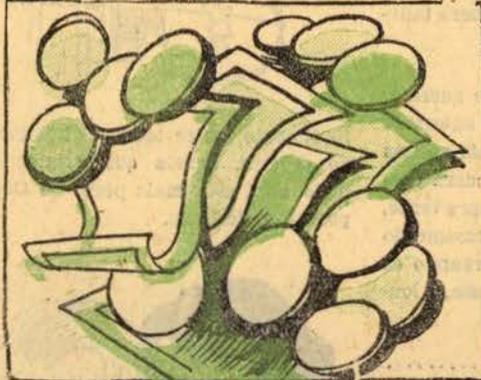
O CRIADO DO SR. JEREMIAS



O criado do Sr. Jeremias, era uma espécie de governante. Ele é que determinava o almoço e o

jantar, fazia as encomendas para a mercearia e comprava a fruta, a hortaliça e o peixe.

Mas, como era um aldeão muito simpório e atadinho, não conhecia as manhas da cidade e não sabia ajustar o



peixe com as peixeiras e dar 3\$00 por uma pescada, quando elas pedem 16\$00. De forma que o criado do Sr. Jeremias, estava a gastar muito dinheiro com a alimentação.

Quando chegou ao fim do mês e o Jeremias fez as contas, verificou que a despeza da casa aumentara prodigiosamente, desde que o seu criado fazia as compras.

Ficou muito zangado e, chamando o seu criado, deu-lhe uma grande descompostura, terminando por lhe dizer:

— «Você, assim, a gastar rios de di-



heiro, parece que não sabe dar-lhe o devido valor e que foi habituado a nadar na opulência!»

Ao que o criado do Sr. Jeremias respondeu, humildemente, com a maior sinceridade:

— «Posso dar a minha palavra a V. Ex.^a que nadar, só nadei ainda ao mar...»

P O R I S A B E L A R E O S A

VÊR NO PROXIMO NÚMERO:

ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

VIAGEM AOS PLANETAS *Chegada A VÊNUS*



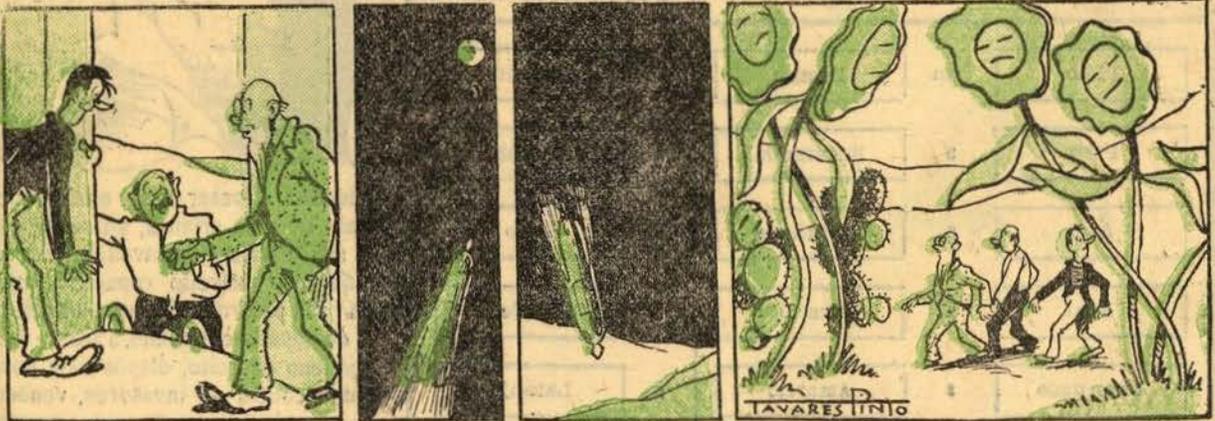
Os três amigos foram-se aproximando e ficaram assombrados quando viram que o fumo provinha de dois entes estranhos, habitantes do quente planeta, que deitavam fumo e fogo, como dois carvões incandescentes. «Papa-Tudo», «Passa-Fome» e o dr. Sabão não saíram do seu espanto,

quando foram descobertos pelos mercurianos. Cheios de terror, começaram a fugir em direcção à bala e, a-pesar dos seus corpos serem mais leves, visto o planeta Mercúrio ser muito mais pequeno que a terra, pois só tem de diâmetro 5.300 km.. foi-lhes impossível correr mais que os persegui-



dores, não tardando «Passa-Fome», o mais gordo, a ser apanhado. O Dr. e «Papa-Tudo», encerraram-se na bala e viram, através duma das vigias, o seu companheiro feito prisioneiro, a ser examinado pelos mercurianos que estavam, decerto, muito admirados do feio esquisito do «Passa-Fome».

Entretantes, o Sábio teve uma estupenda idéia; foi aos armários da sucata e trouxe de lá uma mangueira que ligou ao reservatório da água da bala. Abriu em seguida a porta e pregou nos habitantes de Mercúrio um banho de agulheta, que os fez fugir, quasi... apagados. Ajudou, em



seguida, a subir o pobre companheiro que, por sorte, não tinha nenhuma queimadura e fez partir a bala daquelas inhóspitas regiões, em direcção a Vênus, o mais brilhante de todos os planetas, e cujo tamanho é quasi igual ao da terra, pois esta mede de diâmetro 12.732 quilómetros, sendo

o daquele planeta de 11.900. Assim que aterraram, os três amigos saíram da bala e começaram explorando aquele astro, sem precauções nenhuma, embrenhando-se numa misteriosa e gigantesca vegetação.

De súbito...

(Continua no próximo número)

A cartilha do Pim-Pam-Pum



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

O «Pim-Pam-Pum» vai hoje dar começo a uma nova secção, destinada aos leitores mais pequeninos. Será constituída por breves noções, pequenas notas biográficas dos principais vultos da História Pátria: — poetas, guerreiros, santos — e de pequenas construções para armar.

Não tem esta resumida secção pretensões pedagógicas mas, apenas, o objectivo de recrear o espirito em formação dos nossos amiguinhos, proporcionando-lhes algumas noções úteis e entretenimentos manuais, em que serão secundados, com grande vantagem e aproveitamento, pelos vossos papás ou vossos mestres.

A SENTINELA

A sentinela está de vigia ao quartel. No quartel dormem os soldados. Os soldados são os guardiões da Pátria. A Pátria é a sagrada herança de um Passado histórico. Passado histórico significa Tradição. Tradição é o culto do Passado.

UM ANO TEM DOZE MESES.
UM SÉCULO TEM CEM ANOS,
PORTUGAL TEM OITOCENTOS ANOS.
A IDADE DE PORTUGAL É DE OITO SÉCULOS.

Ver, na página 8, a CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.

AS CÔRES

Há côres basilares e côres derivantes. As côres basilares são cinco, a saber: — PRETO, BRANCO, AZUL e ENCARNADO.

Com a mistura das côres basilares, obtêm-se as côres derivantes e com a mistura das côres derivantes obtêm-se muitas e variadas tonalidades ou cambiantes.

Assim, por exemplo:

Côres basilares			Côres derivantes	
Prêto	com	Branco	dá	Cinzento
Prêto	»	Encarnado	»	Castanho
Azul	»	Encarnado	»	Roxo
Azul	»	Amarelo	»	Verde
Encarnado	»	Amarelo	»	Laranja
Encarnado	»	Branco	»	Côr de Rosa
Amarelo	»	Prêto	»	Verde Escuro

D. NUNO

O CONDESTAVEL

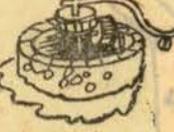
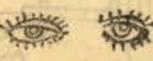
DOM Nuno Alvares Pereira foi um guerreiro e um Santo. Escudeiro de D. Leonor Teles, quando ainda adolescente, assinalou-se por actos de extraordinária in-

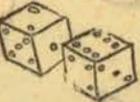


trepidez. A-pesar de ser ainda pouco mais de uma criança, ao saber que a sua Pátria fôra invadida por um numeroso exercito espanhol, fugiu da casa paterna, armou-se cavaleiro e, de espada em punho, à frente dum pequeno exercito, dispôs-se a combater contra os invasores, vencendo-os, gloriosamente, no recontro dos Atoleiros e, um ano depois, nos campos de Aljubarrota. D. João I, que já o nomeara Condestável, encheu-o de honrarias e mercês.

Depois da expedição de Ceuta, em 1415, renunciou a todos os seus

A C A B R A - C E G A (CONTO HIE-ROGLIFICO)

1 dia um  estava puxan-
do a  com os  tapados.

2 meninos que estavam na brin-
 cuidaram que êle tinha os 
ven  para brincar a  ce-
ga. Tiraram-o da  e
brincaram os 3

títulos e cargos, repartiu os seus imensos bens e recolheu-se ao Convento do Carmo, que fundara em Lisboa e onde acabou seus dias em cheiro de Santidade no ano de 1451.

res, de S. Tomé e do Príncipe, pelos continentes africanos de Angola e Moçambique e pelas possessões orientais: — Índia portuguesa, Macáu, Timor, etc.

Portugal e tôdas estas terras é que formam a nossa Pátria, que é um GRANDE IMPÉRIO.

■ F I M ■

IMPÉRIO PORTUGUÊS

A nossa Pátria não é só Portugal. A nossa Pátria não é apenas o que está indicado no mapa; desde o Minho ao Algarve. É muito maior, é muito mais; pois, além do que êsse mapa indica, a nossa Pátria é, ainda, formada por várias ilhas e importantes colónias, situadas em diversas partes do mundo. Pelas ilhas, riquíssimas e encantadoras da Madeira, dos Açor-

E N I G M A S



P I T O R E S C O S

